

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



LISBOA, CIDADE CENOGRÁFICA

MEMORANDO DE PROJECTO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM DESIGN
DE CENA

RITA PIRES PEREIRA

Orientador: Prof. António Lagarto

Lisboa, Junho, 2012

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

LISBOA, CIDADE CENOGRÁFICA

MEMORANDO DO PROJECTO

RITA PIRES PEREIRA

Memorando de Projecto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - Especialização em Design de Cena, realizado sob a orientação científica de Professor António Lagarto.

Lisboa, Junho, 2012

Agradecimentos

A realização deste projecto não teria sido possível sem o apoio e ajuda de algumas pessoas. Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha Mãe, Pai e Irmã, pois sem o seu apoio tanto a nível financeiro como moral, teria sido impossível chegar aqui. Acreditando sempre nas minhas capacidades, motivaram-me a seguir os caminhos que para mim faziam sentido, por mais difíceis que fossem.

Agradeço também a Inês da Costa Filipe e a Sílvia de Sá, que me acompanharam no decorrer de todo o projecto e me ajudaram incessantemente na construção da instalação e no desenvolvimento do conceito de *Lisboa, cidade cenográfica*.

Ao meu grupo artístico *The Fac Mates* (Afonso Arenga Matias, Ceci Melo, Gonçalo Ghira Zinho, Inês Valenti e Pedro Banza) – que me fizeram crescer como artista e como pessoa, um especial obrigada.

Outro agradecimento especial ao Fernando João Fernandes, conhecido como FF, que para além de todo o seu enorme apoio, também contribuiu com a sua voz, ao gravar o poema de Álvaro de Campos, *Lisbon Revisited (1923,)* que faz parte da componente sonora da instalação.

Agradeço ainda ao meu orientador Professor António Lagarto, que permitiu, acompanhou e me apoiou na decisão de realizar este projecto.

À Tânia Teixeira, Ceci Melo, Cláudia Azevedo, Sílvia Cid, Silvia Demofonti, Maria Pereira e Sílvia de Sá, obrigada pelas cartas com as vossas impressões sobre Lisboa.

À Ana Cláudia Ferreira, Tiago Veríssimo, Filipa Mendes, Paulo Vieira, Flávio Gil e Inês Rebello, agradeço-vos terem também, ainda que de uma forma menos directa, feito parte do processo evolutivo deste projecto.

A todos os que contribuíram em diferentes fases da minha vida para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, e constituíram um pilar de apoio – um grande obrigada.

Rita Pires Pereira

Resumo

Lisboa, cidade cenográfica é uma instalação que resulta dum processo de sucessivos registos de momentos, experiências e vivências da cidade de Lisboa, com diferentes narrativas. Através do método de *assemblage* de elementos retirados à rua e reconstruindo composições de blocos volumétricas que incluem desde imagens gráficas, à presença de fontes de luz e de som, e texturas várias, produzi uma instalação destinada a ser ocupada, como se do próprio processo de deambulação por uma cidade se tratasse – neste caso Lisboa.

A instalação final, – *Lisboa, cidade cenográfica* –, constitui em si uma maquete, como ponto de partida para um outro processo, quase interminável, que conduzisse a uma outra instalação que nos engolisse e se apoderasse da nossa presença. Manipulando diferentes escalas, composições e morfologias de espaço obter-se-ia uma instalação quase infundável, como a própria cidade.

A actual instalação é como a síntese dum Fóssil Urbano.

Na observação e captação de imagens da cidade houve a preocupação de efectuar a diferentes horas do dia. Os sons utilizados na instalação, foram gravados nas ruas de Lisboa e incluem desde sinos de igreja, ao chilrear de pássaros, aos aviões que sobrevoam, ao trânsito e respectivas buzinas e sirenes de ambulâncias, entre outros.

No âmbito do desenvolvimento do projecto e desta Memória Descritiva, tive a preocupação de pedir a algumas pessoas – *Cartas de Lisboa* –, testemunhando o modo como habitam ou habitaram a cidade.

Nos *headphones* presentes na instalação, ouve-se o poema *Lisbon Revisited (1923)*, de Álvaro de Campos, completando assim o som ambiente de *Lisboa, cidade cenográfica*. Aquele poema só audível daquele modo, acaba por se sobrepor assim, dum modo subtil, aos outros sons ambiente (exteriores aos *headphones*).

Palavras-chave: *Flâneur; Assemblage; Lisboa; Cidade; Cenográfico; Instalação; Deambulação*

Abstract

Lisboa, cidade cenográfica is an installation resulting from a process of successive recordings of moments, experiences and existences in the city of Lisbon, dealing with different narratives. Using a method of assemblage of elements taken from street environment and reconstructing compositions of volumetric blocks with various textures, which include from graphic images, to light and sound sources, I've produced an installation to be occupied, as the outcome of a process of strolling through a city, Lisbon in this case.

The present installation – *Lisboa, cidade cenográfica* –, being like an Urban Fossil, is a kind of a model, as a starting point for another almost endless installation where one would be engulfed by. Through manipulation of different scale and space shapes, one would achieve a city like labyrinth.

For the observation and recording of images from the city I was aware to do them at different times of the day. The sounds used in the installation, where recorded on the streets of Lisbon and they include church bells ringing, birds twitter, flying planes, traffic noise and ambulances sirens amongst others.

The sounds used at the installation were recorded at Lisbon streets, and include the churches' bells, the birds' tweet, the airplanes overflying, the traffic and its horns and the ambulances' buzzers, and so on.

During the development of the project and its Memorandum I was concerned in asking a few people for – Letters from Lisbon –, as statements about the way they inhabit or remember the city.

On the headphones that are part of the installation, we can listen the poem *Lisbon Revisited (1923)*, by Álvaro de Campos. This completes the environmental sound of the installation *Lisboa, cidade cenográfica*. That poem one can only listen to with the headphones on, ends up overtaking all other environmental sounds, external to the headphones in a subtil manner.

Keywords: *Flâneur; Assemblage; Lisbon; City; Scenographic; Installation; Stroll*

Índice

Introdução	7
Lisboa – Território de Observação	8
Lisboa – O Percorrer das Ruas	10
<i>Lisboa, cidade cenográfica</i> – O Processo e O Projecto/Instalação	16
O Processo.....	16
O Projecto/Instalação	18
Conclusão	22
Anexo I.....	23
<i>Lisbon Revisited (1923)</i> de Álvaro de Campos	23
Anexo II	25
<i>Cartas de Lisboa</i>	25
Anexo III - DVD	31
1 -Vídeo da Instalação.....	31
2 -Sequência fotográfica: <i>Lisboa, cidade cenográfica</i>	31
2.1.- Instalação Parte I.....	31
2.2.- Instalação Parte II.....	31
2.3.- Instalação Habitada.....	31
3 - Lista de Imagens – Lisboa	31
Índice de Ilustrações.....	32
Bibliografia	33

Introdução

Caminho por Lisboa, como se fossem os corredores da minha casa – nasci aqui! Sempre vivi aqui e deambulei por estas ruas, observando tudo o que me rodeava e absorvendo todas as experiências que a cidade me oferecia e ainda oferece. É o meu museu vivo que posso visitar vezes sem conta e percorro dos mais diversos modos.

Lisboa, cidade cenográfica é um projecto que consiste na elaboração de uma maqueta para uma instalação que é o resultado, das minhas múltiplas vivências de diferentes momentos, e das imagens que fui recolhendo e armazenando no meu processo de deambulação. O meu objectivo é construir uma visão de Lisboa, partindo do meu olhar que a habita, a vive, a conhece e a percorre, como arqueologias de memórias urbanas. O meu deambular errante nesta cidade é idêntico ao do *flâneur* como espectador da urbanidade envolvente, cujo olhar depende das sucessões de vivências e experiências.

O projecto, conforme o nome indica – *Lisboa, cidade cenográfica* –, implica esse olhar a cidade como se todos os seus espaços, lugares, ruas, etc., construam narrativas através da sucessão de imagens – cenografias –, e esses trajectos possam ser como paisagem, ou como corredores da minha casa.

Retirando elementos da rua, fazendo *assemblages* e construindo composições interactivas, este projecto pretende ser vivido como se das ruas de Lisboa se tratasse...

Lisboa – Território de Observação

Dos vestígios da presença do Império Romano, passando pelos bairros mouriscos, até às igrejas barrocas, são inúmeras as marcas de vários séculos que contam a história de um local onde se chegaram a decidir os destinos do mundo.

Deixe-se seduzir pela luz que invade as grandes avenidas e ilumina alguma das praças mais bonitas da Europa, onde todos os caminhos vão dar ao rio e, eventualmente, ao oceano.¹

Como qualquer cidade, Lisboa está repleta de imagens, misturando elementos modernos com elementos clássicos. Conhecida como a Cidade das Sete Colinas, esta cidade é dividida por vários bairros muito distintos uns dos outros. A sua relação com o rio e muitos outros atributos tornam Lisboa numa cidade única. Ao percorrê-la deparamos com detalhes que interligam ao seu todo. Imagens que nos acompanham nos nossos percursos; imanes publicitárias, cartazes, sinaléticas, logotipos, *tags*², *stencils*³, entre outros. De semana a semana estas marcas vão mudando, vestindo a cidade com outras cores e novas imagens. Actuam como elementos cenográficos nas cidades. Criam fundos e interagem com os “habitantes”. Sem repararmos, há quase sempre uma marca gráfica que faz parte da nossa conversa no café, dos momentos em que esperamos que o sinal fique verde, ou das conversas ao telemóvel nas nossas deambulações, ou seja, em todos os instantes que “habitamos” a rua. Contudo também somos observados. Há sempre alguém que nos vê, que repara nas nossas intercepções com essas imagens de fundo – essas cenografias. Esse observador atento, sejamos nó ou o outro, é um *Flâneur*⁴, pois só ele deambula pela cidade apenas com o propósito de observar, de experienciar, de reparar em todos os pormenores, estabelecendo ligações entre as várias imagens que o envolvem e os planos com que se interceptam.

¹ The Best Guide, Portugal, Lisboa, 2007/8; Linha Publicitária Marketing e Comunicação, Lda, p. 30.

² *Tag* – Assinatura do artista criador do graffiti.

³ *Stencil* - Molde recortado em cartolina ou outros materiais de maneira a criar formas pré-defenidas, sobrepondo com *spray* fica o desenho pintado na superfície onde aplicado. Permite também reproduzir o mesmo desenho em vários sítios.

⁴ *Flâneur* – deriva do verbo francês *Flâner* que significa deambular pela cidade sme propósito aparente.

A *flânerie* é a melhor maneira de impor uma visão pessoal do palimpsesto de Paris. É um pouco como se fôssemos um realizador de cinema que constrói uma visão muito própria de um lugar seleccionando apenas as imagens que se conformam com essa visão – como se decidíssemos mostrar apenas os pássaros selvagens que vivem nas mais altas torres de Manhattan, convertendo assim a mais artificial das cidades num recanto bucólico, ou como se decidíssemos concentrar-nos apenas na paisagem industrial de Mestre, do outro lado da baía de Veneza, transformando assim a mais perfeita terra de sonho bizantina e renascentista na Detroit de Itália.⁵

⁵ Edmund White, Paris, *Os Passeios de um Flâneur*, Porto, ASA Editores, S.A., 2001, p.229 – 230.

Lisboa – O Percorrer das Ruas

Conheço Lisboa tão bem, que não consigo perder-me nela, lembro-me do dia em que me apercebi que se fosse sempre a descer ia dar ao Tejo e que a partir daí teria sempre uma rua principal que me levaria a outras secundárias sem qualquer dificuldade. De repente, era tão fácil encontrar o caminho por onde queria ir. Não consigo ver Lisboa com a visão de um turista, apenas tenho algumas noções do que será ser turista em Lisboa quando vou a outra cidade e comparo as ruas, as pessoas, os hábitos, as cores e os cheiros. Imagino-me então a habitar essas ruas, como se fossem as da minha cidade. Invento histórias e situações do que se passa à minha volta. Quando regresso a Lisboa, cheia dessas histórias imaginárias, acabo sempre por reparar em algo de um modo diferente ou que nunca tinha mesmo reparado.

As minhas deambulações pela cidade foram-se tornando cada vez mais frequentes. Observar, habitar estas ruas, são de facto momentos viciantes. Há sempre mais a descobrir, de um dia para o outro encontramos sempre algo diferente que nos surpreende. É como um museu vivo, que posso visitar vezes sem conta e percorrer do modo que eu quiser. É a partir destas deambulações que considero o termo *Flâneur* relevante para o desenvolvimento da minha instalação. Edmund White citando Walter Benjamin:

O *flâneur* é uma criação de Paris. O que é estranho é que não tenha sido Roma a criá-lo. E porquê? Bom, porque, em Roma, talvez o próprio sonho seja obrigado a percorrer ruas demasiado bem pavimentadas. E não será Roma uma cidade demasiado cheia de templos, praças fechadas e santuários nacionais, para poder entrar inteira, indivisa, nos sonhos do transeunte, juntamente com cada pedra da calçada, cada letreiro de loja, cada lanço de escadas, cada porta? As grandes reminiscências, as frissons históricas - todas essas coisas são lixo para o *flâneur*, que as deixa de bom grado ao turista. E o *flâneur* daria tudo para poder trocar todo o seu conhecimento dos ateliers dos artistas, dos locais de nascimento deste ou daqueles, dos palácios sumptuosos, pelo cheiro de uma única soleira de porta que a chuva e o sol foram desgastando ou pelo toque de um único ladrilho - aquele que qualquer perito na matéria leva no seu bolso. É possível que o carácter romano responda em grande parte à nossa questão. Porque não foram os estrangeiros, mas os próprios Parisienses que fizeram de Paris a Terra Prometida dos *flâneurs*, uma «paisagem feita de gente viva», como Hofmannsthal em tempos lhe chamou. Paisagem - é nisso que a cidade

se torna para o *flâneur*. Ou, para ser mais exacto, a cidade cinde-se nos seus pólos dialécticos. A cidade converte-se numa paisagem que se abre de par em par para o *flâneur* e num salão que o encerra⁶

E continua:

Ele (ou ela) não é um turista estrangeiro que persegue avidamente as Grandes Atracções e que, sempre que deixa para trás um desses locais, pega na sua lista de maravilhas normais e rabisca mais um V de visto. Ele (ou ela) é um(a) parisiense em busca de um momento privado e não de uma lição e, embora as tais maravilhas normais possam ser edificantes, não é de esperar que deixem o observador arrepiado. Não, aquilo que o *flâneur* persegue é a proustiana pedra de toque íntima - a madalena, a pedra da calçada com uma determinada inclinação. A soleira da porta que a chuva e o sol foram desgastando, o velho ladrilho...⁷

A calçada, as paredes, as montras e as pessoas são o que o nosso campo de visão apanha quando se caminha pelas ruas de Lisboa, desviamo-nos do buraco no passeio, as pedras da calçada que saltaram e, por coincidência, na sua ausência se formou um coração. Em simultâneo temos atenção ao poste, para não irmos contra ele, ouvimos a conversa das pessoas que passam, vimos o nosso reflexo nas montras, pensamos sobre aquele coração na calçada e do que aconteceria se fôssemos contra aquele poste, e construímos toda uma narrativa, quase novela, com aquela frase que ouvimos ao casal que passou entretanto, misturando a história com a conversa do grupo de rapazes que passou a olhar-se na montra.



Ilustração 1

⁶ Edmund White, *ibid.*, p.64-65.

⁷ *Idem* p. 65-66.

Como chegar mais rápido de X a Y é uma verdadeira gincana. Decidir o transporte certo para percorrer um determinado trajecto não é simples. Hora de ponta? Os transportes estão fora de questão! Se tiver tempo, ir a pé é sempre a melhor opção, mas a viagem de carro também acaba por se fazer bem. Conheço os caminhos e as horas por onde se vai mais rápido. Se aquele sinal estiver verde, lá ao fundo, mais vale virar ali, à esquerda, e ir por outra rua, senão depois apanho todos os outros todos no vermelho. Crescer na cidade resulta num visível stress constante, de ultrapassar obstáculos o mais rapidamente possível. Já dei por mim a fazer "corridas", ao sair do metro, com pessoas que não sabiam sequer que eu estava ali. O meu passo é quase sempre de corrida, tenho pressa mesmo quando não tenho nada para fazer. Ainda referindo-se a Walter Benjamin, Edmund White:

O *flâneur* busca a experiência e não o conhecimento. A experiência de modo geral, acaba sendo interpretada como - e substituída por - conhecimento, mas, para o *flâneur*, a experiência permanece de algum modo pura, inútil, no seu estado bruto.⁸

E:

Ele (ou ela) é uma pessoa indecisa, embaraçada pela riqueza das suas escolhas, e que nunca sabe ao certo para onde ir. Escreve Benjamin: «Tal como a espera parece ser o verdadeiro estado estático contemplativo, a dúvida parece ser o verdadeiro estado do *flâneur*.» É frequente o *flâneur* sentir-se cansado, pois esquece-se de comer, apesar da miríade de cafés que o (a) convidam a entrar, a descontrair-se a comer ou beber qualquer coisa: «Como um animal ascético, o *flâneur* vagueia por bairros desconhecidos até que desfalece, completamente exausto, no quarto frio, estranho, que o guarda.»⁹

⁸ Idem, p. 66.

⁹ Idem, p.66-67.



Ilustração 3

Para além dos registos fotográficos que fui captando ao longo das minhas deambulações¹⁰, fui anotando num diário de bordo muitas das situações que ia experienciando e pensamentos que me ocorriam, como resultado de todas essas vivências. Fui também ilustrando diversos lugares, mas de ângulos de visão que nunca experienciara, embora frequentemente imaginarmos lugares e acontecimentos vistos de cima.

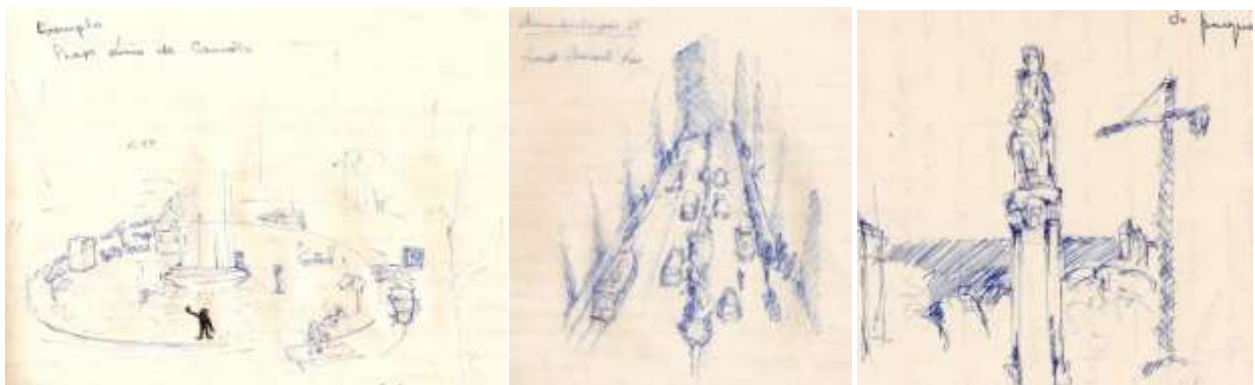


Ilustração 4, Ilustração 5 e Ilustração 6

O meu Diário das Deambulações, tornou-se no meu guia sobre a minha Lisboa. Jean-Jacques Rousseau em *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, faz uma exacta descrição do que pode um deste diário:

Estas folhas não serão, de facto, mais do que um diário informe dos meus devaneios. Nelas falar-se-á muito de mim; porque todo o solitário que reflecte se ocupa necessariamente muito de si próprio. Aliás, mesmo as ideias estranhas que me passam

¹⁰ (V. Anexo III p.31 – DVD, capítulo 5)

pela cabeça quando passeio, terão aí o seu lugar. Direi o que pensei tal como me veio à mente, e com tão pouca ligação como a que existe, geralmente, entre as ideias da véspera e as do dia seguinte. Porém delas resultará sempre um conhecimento novo do meu temperamento e do meu humor, através dos pensamentos e dos sentimentos que alimentam o meu espírito, no estranho estado em que me encontro.¹¹



Ilustração 7

São estes registos, observações e pensamentos que originaram as imagens finais da instalação – *Lisboa, cidade cenográfica*.

¹¹ Jean-Jacques Rousseau, *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, Lisboa, Edições Cotovia, 1989, p. 13.

Lisboa, cidade cenográfica – O Processo e O Projecto/Instalação

As imagens que os nossos olhos captam, dependem de nós, da nossa altura, do nosso corpo, de quem somos, da nossa localização e daquilo que nos atrai. Toda aquela informação que nos fustiga e a multiplicidade de cores que estimulam o nosso olhar são de tal forma complexas, que perdemos a noção dos seus detalhes e significados, retendo apenas sínteses de imagens que seleccionámos e armazenámos, por vezes sem qualquer consciência do processo.

Em Lisboa, cidade cenográfica, as imagens captadas, plenas de outras imagens, não são mais do que relatos da vivência dum processo de percorrer as ruas de Lisboa. A instalação que daqui resulta provém desse registo, observando-o, retrabalhando-o, remontando-o, em busca de narrativas sempre presentes nessas deambulações, de forma a reencontrar esses espaços, esses lugares que se podem qualificar de cenográficos.

O contraste entre o antigo e o novo ao vermos um prédio moderno ao lado de uma vivenda antiga, por sua vez ao lado dum sinal de trânsito actual, um poste de iluminação, a esplanada da pastelaria, ou a senhora na paragem de autocarro e o anúncio a um desodorizante ou a uma marca de cuecas de homem, toda esta multiplicidade de informação e imagens que se sobrepõem, testemunham modos de habitar a cidade, de a ocupar, os seus contrastes sociais, os seus prazeres, construindo-se narrativas que habitam aqueles lugares cenográficos.

O Processo

Os meus registos fotográficos das ruas de Lisboa iniciaram-se por volta de 2005, muitos deles contêm histórias que já foram apagadas por outras que foram sendo acrescentadas e sobrepostas. *Lisboa, cidade cenográfica* pretende compor uma história utilizando todos esses acidentes – o que existiu e o que veio substituir. O que vimos ontem amanhã poderá já não estar lá, como acontece com os edifícios, aquela arquitectura da cidade em constante mutação que também vai mudando a cenografia dos nossos dias.¹²

¹² (V. Anexo III p.31 – DVD, capítulo 5)

Em Lisboa há sempre um sítio em obras, em regra, demoram muitos anos até terminarem. Com esses constantes atrasos infundáveis, os andaimes passam a fazer parte da rua, muitos deles servindo como pontos publicitários. Habitamo-nos a desviar deles, passam a fazer parte da arquitectura, até ao dia em que subitamente nos apercebemos que desapareceram! Que já não estão lá. Então constatamos que estiveram ali. A sua ausência faz com que aquele vazio se sinta – a rua fica maior, desnudada e, acabamos mesmo por nem ver aquilo por que foi substituído. Aquela perda quase que causa mais impacto.

Lisboa, cidade cenográfica é uma leitura de várias histórias entrelaçadas, registadas, apercebidas e anotadas por mim, ao percorrer as ruas de Lisboa. São cenografias diárias, em constante mutação. O nosso dia-a-dia existe sempre com um desses fundos fixos, atravessados por outras realidades que se vão cruzando entre si. Aquela parede, a publicidade e aqueles grafismos misturados com as pessoas que passam. E eu, que também faço parte daquela existência, consciente de estar ali a observar todo aquele emaranhado.

Este processo consistiu em dissecar a cidade, retirando-lhe a sua lógica de continuidade urbana e, como um *Flâneur*, olhar para aqueles momentos em que a vida se cruza e se mistura, registando-os fotograficamente, em esboços e gravações áudio. O resultado foi uma extensiva colecção de imagens visuais e sonoras que significam as minhas ruas de Lisboa. São imagens com que nos podemos cruzar diariamente, ou que numa mais existirão. Estes registos podem ser interpretados por quem os lê e serão diferentes de acordo com a vivência de cada leitor, espectador ou visitante. A possibilidade dos espaços, ou lugares representados serem identificáveis, poderá alterar por completo a leitura de cada narrativa.

Simultaneamente, não é possível percorrer as ruas de Lisboa, sem nos apercebermos das suas sonoridades. É curioso pararmos em Lisboa, fecharmos os olhos e tentarmos ouvir a cidade, os seus sons, a sua banda sonora. Ouvimos carros a passar, conseguindo distinguir a sua velocidade, os autocarros, percebendo exactamente o som dele a parar, o fechar das portas do metro, o chegar do comboio à estação e de que direcção vem, o avião que sobrevoa e está quase a aterrar ou aquele que acabou de levantar. Ouvimos as pessoas que passam em silêncio, as que trauteiam, o bêbado que insulta quem passa, os grupos, as crianças, o casal, o caminhar rápido e o lento. Por vezes ouvimos os animais,

cães a ladrar, gatos que parecem crianças a chorar, os pássaros e algum ser rastejante. Conseguimos ouvir o vento, o bater dos toldos ou chapéus-de-sol no café, o abanar e postes mal fixos à calçada, a folhagem das árvores, o arrastar das folhas caídas, o caminhar na gravilha, o arrastar do lixo no solo e a sirene da ambulância ou dos bombeiros, silenciando todos os outros sons. Não há silêncio em Lisboa. Ainda de olhos fechados o som da cidade pode parecer caótico, mas traz-nos vida, conseguimos entender que estamos na cidade, que as ruas estão vivas, habitadas. Sentimos energia e uma mistura de sensações.

O Projecto/Instalação

Lisboa, cidade cenográfica, iniciou-se com a deambulação pela cidade de Lisboa e a realização de séries de registos fotográficos, esboços e anotações num Diário de Bordo, observando momentos e narrativas com que me fui cruzando ao longo desses trajectos

Como síntese de todo o processo e sentindo, depois daquelas deambulações, a cidade como uma enorme cenografia, que existe como protagonista e em simultâneo servindo como fundo às múltiplas narrativas em que participamos, em que somos observados e espectadores, desenvolvi a Instalação apresentada.

Recorrendo ao método de *assemblage* de elementos retirados à rua, reconstruí composições de blocos volumétricos com texturas várias, que inclui desde imagens gráficas, a fontes de luz e sonoras, produzindo assim uma instalação que possa ser ocupada, como se do próprio processo de deambulação por uma cidade se tratasse.¹³

¹³ (V. Anexo III p.31 – DVD, capítulo 2 e 3)

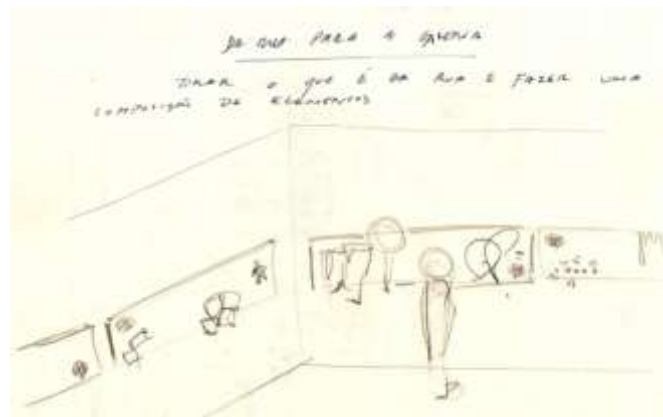


Ilustração 8

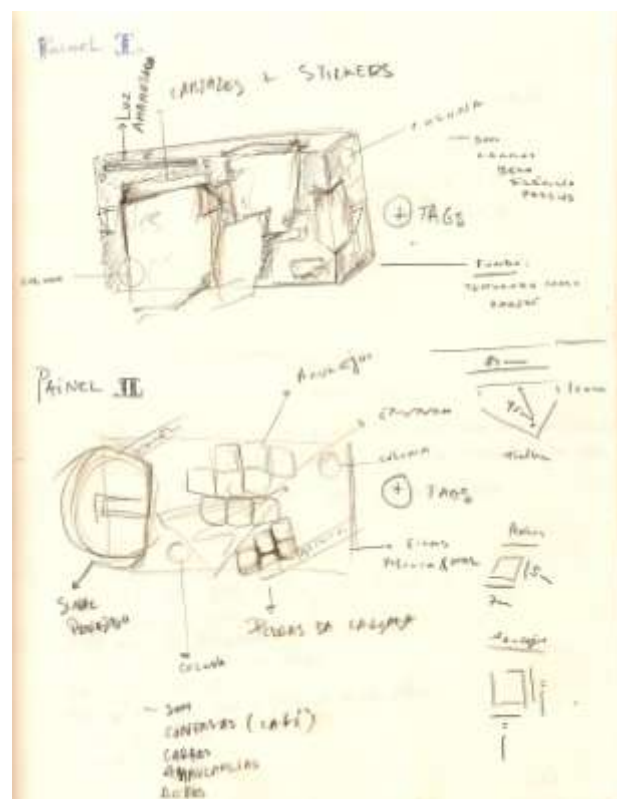
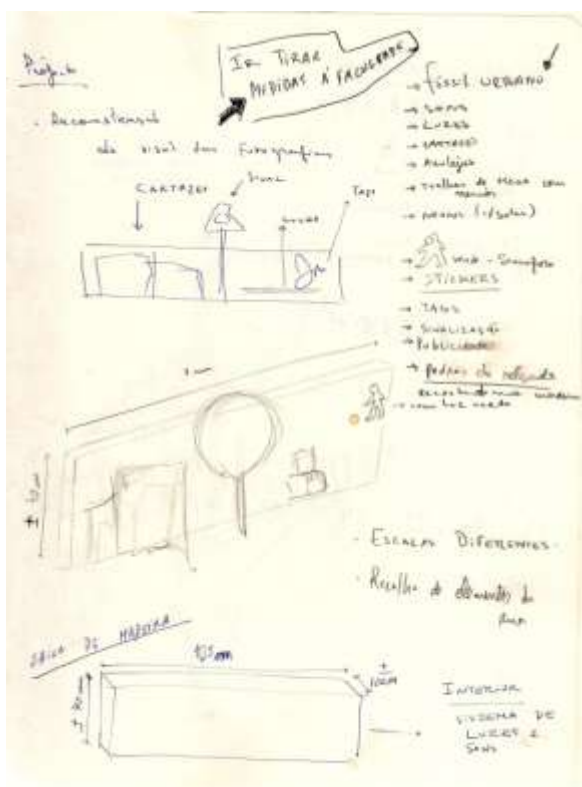


Ilustração 9 e Ilustração 10

A instalação final apresentada constitui em si uma maquete, como ponto de partida para um outro processo, quase infinito, que conduzisse a uma outra instalação que nos engolisse e se apoderasse da nossa presença, manipulando diferentes escalas, composições e morfologias de espaço – um instalação quase sem fim, como a própria cidade. Esta instalação é como uma síntese dum Fóssil Urbano, uma marca. Como a marca deixada no prédio ao lado, por outro que já não existe e, onde ainda podemos aperceber cada uma das divisões da casa.



Ilustração 11

A instalação, *Lisboa, cidade cenográfica*, comporta-se como a cidade, temos que a ir descobrindo aos poucos, não a conseguimos apreender duma só vez, é preciso parar, entrar, escutar.

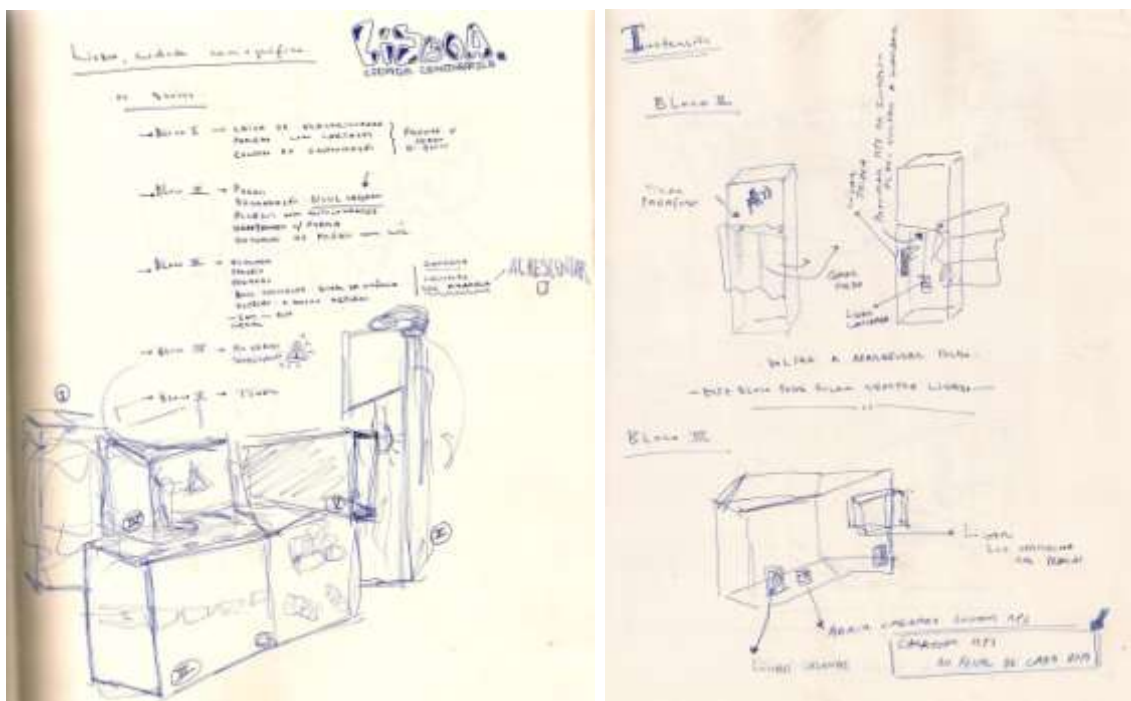


Ilustração 12 e Ilustração 13

Nos registos efectuados da instalação, houve a preocupação de captar imagens durante várias horas do dia pois, como na cidade, há pormenores que só são mais detectáveis à noite.¹⁴

Os sons que fazem parte do ambiente sonoro da instalação, foram gravados nas ruas de Lisboa, e incluem desde sinos de igreja, ao chilrear de pássaros, aos aviões que sobrevoam, ao trânsito e respectivas buzinas e sirenes de ambulâncias entre outros. Nos *headphones* que fazem parte da instalação ouve-se o poema *Lisbon Revisited (1923)*, de Álvaro de Campos.¹⁵

Fica assim completo o som ambiente de *Lisboa, cidade cenográfica*, só perceptível com os *headphones* postos, ouvindo-se o poema em sobreposição aos outros sons ambiente (exteriores aos *headphones*).

No poema, Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa, natural de Lisboa, procura a *cidade cenográfica* da sua infância, aquela que já só está presente na sua escrita. Fernando Pessoa também passou a fazer parte da *Lisboa, cidade cenográfica*, com a presença do bronze de Lagoa Henriques que retrata, na esplanada da Brasileira do Chiado, ou a sua casa em Campo de Ourique.

Lisbon Revisited (1923) mostra a revolta com a constante mudança da cidade e Álvaro de Campos sente que houve uma parte de si que se perdeu.

Lisboa, cidade cenográfica, é uma impressão, um Diário de Bordo de quem nasceu em Lisboa e está habituada às suas ruas, a estas paisagens urbanas e *cenográficas*. Uma grande parte das pessoas que a percorrem vive fora da cidade ou não nasceram cá e têm uma visão diferente, que eu nunca poderei ter.

Para completar esta *Lisboa, cidade cenográfica*, pedi a alguma pessoas que aqui habitaram ou ainda habitam, que escrevessem as suas *Cartas de Lisboa*.¹⁶

¹⁴ (V. Anexo III p.31 – DVD, capítulo 1 e 3)

¹⁵ (V. Anexo I p.23-24) O poema é dito pelo actor FF

¹⁶ (V. Anexo II p.25-30)

Conclusão

Existe uma última questão que é necessário esclarecer face à instalação apresentada – *Lisboa, cidade cenográfica* –; porquê registá-la em vídeo. Em virtude de a considerar com uma maquete para uma outra instalação, com outras proporções mais impositivas, que nos engolisse e se apoderasse de nós, onde fosse possível perdermo-nos, tornou-se necessário recorrer a este tipo de registo, para poder explorar e transmitir essa noção de escala e envolvimento, que gostaria de atingir.

Este registo proporciona ainda a possibilidade de se observar o modo como a instalação vai reagindo e alterando com as variações de luminosidade.

Anexo I

***Lisbon Revisited (1923)* de Álvaro de Campos**

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –,

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflecte!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

Anexo II

Cartas de Lisboa

...gostava imenso de lá estar...e um dia fui morar para lá...

Aquele entra e sai da cidade, a mistura do silêncio dentro de casa, e da tremenda agitação quando mal se põe um pé na rua...era um acordar agitado, entre multidões, trânsito, carros a buzinares, e o burburinho das pessoas a conversar, numa Lisboa iluminada mas sempre mal adormecida entre táxis e autocarros nocturnos. Os fins de tarde tinham um sabor intenso nos miradouros, especialmente naquele, onde se avista o Tejo, onde se observa uma tensão a desvanecer no ar depois de um dia cansativo, e é ali onde se pode finalmente relaxar, desfrutar do mundo, de nós e daqueles que nos rodeiam.

Virar costas a Lisboa é como quando os nossos pais nos deixam no infantário e viram as costas. Um tremendo vazio e uma solidão que nos assola a alma. Sabemos que para trás fica a vida, o movimento, a arte, o cheiro do Tejo...o tão característico Tejo cheio de histórias conquistadoras e quase inacreditáveis...Lisboa é como uma obra de arte esculpida ao pormenor. Uma obra de arte, Lisboa!

Tânia Teixeira
Vila Franca de Xira

Com o quotidiano e o hábito de passarmos pelos mesmos locais todos os dias, acabamos por desprezar as ruas e ambientes envolventes. Porém Lisboa tem a vantagem de tempos em tempos surpreender com novidades que chamam a atenção mesmo daqueles que por lá passam todos os dias, seja por uma obra pendurada num prédio, uma instalação no meio da praça, ou até mesmo performances nas ruas. Lisboa é por isso, na minha opinião muita coisa, menos monótona. Encontramos uma grande variedade de tudo que se encontra à volta, desde as lojas que têm de tudo para todos os gostos até mesmo as pessoas que entre os mais variados estilos convivem e cruzam todos um mesmo espaço.

Lembro-me da primeira vez que visitei Lisboa, há 13 anos, que essa diversidade, juntamente com a mistura do antigo com o novo que define esta cidade, ter-me encantado. Sentia-me turista e cidadã ao mesmo tempo. Quando passo por Lisboa vejo-- a sempre com as lembranças da primeira vez que a vi mas sempre guardando as novas “recordações” que a cidade confere a cada dia.

Ceci Melo
Oeiras
(natural do Brasil)

Lisboa, menina e moça,

És pôr-do-sol em todo o lado e mais algum, todos diferentes e, ainda assim, todos igualmente mágicos. És bebidas frescas com uma excelente música de fundo. És a noite, sempre agitada. És o cheiro a sardinhas, a castanhas e a morangos frescos. És história em cada novo recanto onde me perco. És gigante nessa tua imponência. És cultura. És arte. És jazz. És fado. És multicultural. És de todo o mundo e és de ninguém. És as 4 paredes da casa para os sem-abrigo. És banco de jardim com um chocolate quente, em dias cinzentos. És aviões... E tantos quantos chegam, também partem. Mas estou certa de que todos aqueles que chegam, de que todos aqueles que voltam, se (re)apaixonam e te sentem nesse teu brilho único, nesses pormenores impressionantes.

Mas mesmo debaixo desse teu tamanho encanto estás a mudar, e eu mudo contigo. Será que conseguirei desvendar-te todos os mistérios? Será essa tua constante mudança algum dia responsável pelo meu desencanto por ti? Existirá desencanto possível para contigo!?

Sei apenas que se o meu passado existe, serão apenas dois os motivos: trazer-me o presente e ajudar-me a crescer. Porque tu, Lisboa, és (como jamais outro sítio foi) a minha casa, onde o meu coração acalma e se procura, sem nunca ter conhecido a vontade de daqui querer partir.

Cláudia Azevedo
Lisboa
(natural de São João da Madeira)

Estar longe de Lisboa e escrever sobre ela não é pera doce.

Não pelo escrever, não é aí que reside a dificuldade.

O difícil é estar sem ela. Sem Lisboa. Porque Lisboa é mais que cidade. É mais que minha. Porque Lisboa tem cheiro e textura e cor. Lisboa tem fado nos azulejos que cantam em Alfama. Tem em alfama o cheiro das pessoas que fazem com que os azulejos se vão desgastando ao longo do tempo porque são vividos. Porque são amados pelas velhas que vivem nas portas onde não cabem turistas do norte da europa. E que cantam fado enquanto fazem com que as ruas cheirem a sardinhas, salpicando os azulejos que ecoam as suas vozes. A ausência de tudo isto dói. Porque Lisboa permite-se que a sinta minha. O Tejo emoldura-a e oferece-a a quem por ela se apaixona (não me lembro de me ter apaixonado por ela, acho que por nascer de Lisboa é um amor intrínseco, familiar, materno) e assim desde sempre que é minha e eu sou dela. Não conheço Lisboa de outra forma. Longe, continua a ser minha. Espera por mim e sente a minha falta. Sei disso todos os dias, quando olho para os azulejos no frigorífico do meu apartamento em Bonn, colados com antigos ímans da “olá”, para que me lembre todos os dias das pastelarias velhas da praça da figueira.

Não estão gastos nem têm relevo. Não cheiram a sardinhas nem escondem a casa de nenhuma velha rabugenta do Martim Moniz ou castiça do Castelo. Nem anunciam cheiro nenhum, se abrir o frigorífico que forram. Aqui não há sardinhas, não há mar, não há Tejo. Há Reno, mas não é a mesma coisa.

Aqui só tenho fado gravado, ouvido num país onde a organização proíbe determinadamente a emoção por ser pouco previsível.

Aqui e em mim há Lisboa sim. E haverá sempre.

Tenho saudades tuas, Lisboa.

Sílvia Cid
Bonn, Alemanha
(natural de Lisboa)

A calçada puxa a ir em frente. E o sol que se reflete nos prédios empurra para trás. Mas eu quero é andar, a luta continua e em cada esquina encontro uma Lisboa inesperada.

Porque eu não nasci aqui, ela sabe. E desafia-me como um burro teimoso que me arrasta dum lado para o outro e goza comigo. Sabes que mais? Um dia hás-de descansar. E será que consigo levar-te para o sítio onde não te sentes tão atrevida? Agora paramos aqui, na Praça do Comércio. A olhar para o rio quanto eu quiser e viramos por um momento as costas à cidade que não se deixa abraçar. Respiro e volto a ficar em paz contigo devorando o céu, Almada, os turistas e os carros indiferentes que passam por mim. Sim, eu torno-me naquela estrada sem nome e na passadeira que divide o que já passou do que vai acontecer. E sorrio, porque sei que vais ser tu que não me deixarás ir embora.

Silvia Demofonti

Lisboa

(natural de Roma – Itália)

Sou Alfacinha há mais de meio século. Lisboa sempre foi o meu Mundo.

Tive o privilégio de nascer e crescer na zona da Graça, um dos bairros de Lisboa mais ricos em história, em beleza, enfim em **Bairrismo** puro.

Lembro-me como adorava ir com a minha mãe visitar as minhas tias e as amigas dela, cada qual em sua Vila. Como eu, que morava num prédio de quatro andares, invejava aqueles meninos, cujas casas tinham uma porta para o pátio comum, onde os rapazes jogavam à bola e as meninas sentadas às soleiras das portas embalavam as bonecas e inventavam comidas com a terra e as sardinheiras dos vasos das janelas.

E, já mais crescida, os passeios de namoro até ao miradouro da Senhora do Monte, onde me recordo de sentir que “estava em cima da cidade”, tal a extensão de casario que o olhar alcança.

Ficaram saudades da calma dos fins de tarde no miradouro de Santa Luzia, quando nos bancos de pedra debaixo do caramachão e com o Tejo a servir de espelho ao pôr-do-sol, imaginávamos o mundo só nosso.

Lamento as tradições desaparecidas, as carroças que vinham das hortas vender frutos e legumes fresquinhos, as peixeiras com as canastas à cabeça e os seus pregões, os saltimbancos que subiam a rua ingreme do Vale de Santo António e iam parando, fazendo espectáculo e tocando música, enquanto as pessoas das janela mandavam umas

moedinhas que os pequenitos sujos e descalços iam apanhando cheios de alegria e agradeciam com grandes sorrisos.

Mas a idade privilegiou-me com uma nova maneira de ver e apreciar outros aspectos de Lisboa, os quais na minha juventude não me tocavam tanto.

Gosto de passar na Almirante Reis e, desde o Areeiro até ao Martim Moniz, ver – com olhos de ver - as fachadas dos prédios forradas a azulejos antiquíssimos, que formam painéis de verdadeira Arte. Gosto de passar na Avenida da República e re-descobrir, encastrados entre caixotes de cimento e vidro, os palacetes de outros tempos.

Gosto de, junto ao Hospital de S.José, abarcar toda a composição de maravilhas que vai desde o Tejo, às ruelas da Baixa, toda a costa do Castelo com o seu casario, onde com atenção, se consegue descobrir uma ou outra mansão senhoril, até à igreja do Senhor dos Passos da Graça, ladeada com o seu jardim frondoso e centenário.

Lisboa é bonita, é velhinha, é rica de gente boa. É fácil gostar de Lisboa. Mas conhecê-la...? Uma vida inteira não chega, mas vale a pena o esforço!

Maria Pereira
Lisboa

Acalma com o teu ruído os meus pensamentos.

O meu silêncio contrasta com tudo o que te habita. Os meus passos lentos, o olhar perdido nos teus pormenores, faço questão de encontrar em ti o que poucos tentam encontrar, o teu silêncio tão próprio, o silêncio incompleto que se procura quando os pensamentos se amontoam. Sento-me, escrevo-te, descrevo-te, vejo como a luz te muda, te preenche e aos poucos te vai deixando sem que nunca te abandone por completo, mostrando-me recantos de ti que se transformam em segundos, as tuas cores, as tuas ruas e até quem por ti passa a correr vai abrandando com o cair da noite, entregando- -se ao cansaço, a mais um copo de vinho, ao passeio onde desfalece. Aos bares onde tudo parece continuar num ritmo acelerado mas não, os corpos estão adormecidos pelos vícios e aí tu és o analgésico dos quase mortos, dos quase vivos dos que não querem adormecer.

Deixa que caminhe nas tuas calçadas sem rumo, que sinta os teus séculos de existência em cada passo que dou dentro de ti, que sinta o teu cheiro e que nunca te esqueça porque foi em ti que nasci, embora tenha crescido a escassos quilómetros de ti. Nunca deixei de te visitar.

Os rostos mudaram, a cultura deixou de ser apenas a tua, sinto-te violada diariamente, não por quem te quer conhecer mas por quem ficou e não te respeita, por quem te usa desconhecendo a tua essência, os teus séculos de história, a tua gente, o teu fado.

Conheço-te mesmo quando me perco nas tuas ruas, conheço-te como uma filha conhece uma mãe por mais tempo que fique longe dela. Fazes parte de mim e se a uns ensinaste a correr a mim ensinaste-me a andar devagar, a observar e a estar em ti com a calma que é necessária para realmente te habitar.

És uma paixão que nunca se esquece... minha cidade... minha Lisboa.

Sílvia de Sá
Oeiras

Anexo III - DVD

1 -Vídeo da Instalação

2 -Sequência fotográfica: *Lisboa, cidade cenográfica*

2.1.- Instalação Parte I

2.2.- Instalação Parte II

2.3.- Instalação Habitada

3 - Lista de Imagens – Lisboa



Índice de Ilustrações

Ilustração 1.....	11
Ilustração 2.....	13
Ilustração 3.....	14
Ilustração 4.....	14
Ilustração 5.....	14
Ilustração 6.....	14
Ilustração 7.....	15
Ilustração 8.....	19
Ilustração 9.....	19
Ilustração 10.....	19
Ilustração 11.....	20
Ilustração 12.....	20
Ilustração 13.....	20

Bibliografia

BACHELARD, Gaston; *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 2008.

BERBERIAN, Dupuy, *Lisbonne Carnets du 15 au 28 mai 2000*, Cornélius, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques; *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, Lisboa, Edições Cotovia, Lda, 1989

TAVARES, Adérito, *Lisboa: Guia histórico e turístico*, Lisboa: Margrap, D.L. 1987.

The Best Guide, Portugal, Lisboa, 2007/8; Linha Publicitária Marketing e Comunicação, Lda.

WHITE, Edmund, *Paris, Os Passeios de um Flâneur*, Lisboa, ASA Editores, S.A., 2001